

Um conto de Maria Daniel

O hospício 2

UMA VIAGEM SEM
RETORNO



O hospício 2

By

Maria Daniel

Sobre obra

Acompanhe a segunda volta da jornada cheia de risadas, amizade e reviravoltas no Hospício 2. Passaram-se duas horas e meia desde que Naomi desapareceu do quarto do hotel, deixando suas amigas em estado de preocupação. A Madame, aflita, lidera a busca enquanto as demais discutem sobre o paradeiro da amiga. O que parecia ser apenas um momento de tensão se transforma em um turbilhão de acontecimentos quando Naomi finalmente é encontrada, acompanhada de seu namorado. O episódio desencadeia uma série de eventos engraçados e emocionantes enquanto as amigas embarcam em uma viagem por Portugal, enfrentando desafios, confusões e momentos inesquecíveis.

Epígrafe

"No desenrolar da vida, descobrimos que a essência está nas marcas que deixamos nos corações daqueles que amamos." (Paulo Coelho)

Dedicatória

Dedico esta obra a Rosa (Bene), Elisa (Meve), Maria (Magda), Naomi, Márcia, Mavinga (Bininha), Beatriz, Isabel, Paula e a Vuvu (Pancha) pela energia que me transmitem através do jeito peculiar de se comportarem, capaz de transformar um dia de tédio ou tristeza em um dia repleto de alegria e boas vibrações, e em especial ao grupo religioso Atalaias do Senhor (da I.E.B.A. Mabor).

Agradecimentos

Agradeço ao Pai Celestial que sustenta os pilares da minha vida nesta terra, aos meus queridos pais, irmãos e às minhas amizades. Bem haja a todos vocês!

Prólogo

Passaram-se duas horas e meia e a Naomi não retornou ao quarto do hotel, o que deixou as demais em estado crítico de preocupação.

- "Liguem nessa miúda, quer me matar do coração ou quê?" Bradou a Madame aflita.
- "Foi na caixa postal", respondeu a Pancha.
- "Mana Pancha está fina, já diz 'caixa postal', rhum." Comentou a Magda.
- "Oie, o foco aqui é Naomi", disse a Bene.

Desceram todas e começaram a procurá-la e uma das camareiras disse que a tinha visto tomar o pequeno-almoço há algumas horas. Ao ouvirem este relato, foram logo onde a camareira disse que a tinha visto, mas já não lá estava; voltaram a ligar, porém, ia sempre para a caixa postal. E foi aí que a Isabel grita aos quatro cantos do hotel:

- "Naomiiiiiiiiiiii!"
- "Mas essa hora é para gritar?" Reclamou a Naomi, saindo do restaurante acompanhada do seu namorado.

- "Ngué! Cala-te lá, sabes o susto que nos deste por não apareceres? Já queria ligar à tua mãe para lhe avisar. Naomi, não voltes a fazer isso, ouviste? E você que lhe chamou, nem sei como é que chegaste aqui porque no meu pensamento estás em Angola. Agora, se vieste na mala da Naomi ou de paraquedas, também não quero saber, mas se essa menina voltar a desaparecer e estiver contigo, rhum, saberás porque existe medicamento para tosse. Ouviste?" Perguntou a Madame aborrecida com o ocorrido.

- "Mazé, Naomi. Na próxima vez ficarás em Angola, pernas compridas parece avestruz. Não olhes para mim", disse a Bene à Naomi, cruzando os braços e se dirigindo ao quarto do hotel.

- "Oh, já não acabou? Não me aqueçam a cabeça a esta hora", reclamou a Naomi aborrecida. "Não, Naomi. Não tens razão, fica mesmo quieta", comentou a Magda.

- "Está bem, desculpa", disse a Naomi às suas amigas.

- "Desculpa... Estavas no bem bom e agora pedes desculpas? A Madame é que merece essas desculpas. Vamos subir, não terminei de 'matabichar'", disse a mãe grande dirigindo-se ao elevador para o quarto de hotel.

- "Também peço desculpas pelo susto, em parte foi culpa minha pois fui eu quem a chamou", disse o Gael, namorado da Naomi.
- "Bem, vós sois adultos e sabem o que fazem, vou voltar ao quarto, vêm ou ficam?" Perguntou a Pancha, preparando-se para ir embora.

E voltaram todas ao quarto do hotel mais aliviadas por terem encontrado a Naomi. Chegando ao quarto, a Naomi desculpou-se novamente com a madame, que já não fez muito caso da situação, mas impôs alguns limites para que a estadia fosse agradável para todos.

O dia ainda era uma criança e ainda não tinham feito nenhuma atividade; decidiram então passear por Lisboa, a capital de Portugal, e ver o que a cidade tinha a oferecer.

- "Meve! O hotel não é do teu pai, sai já do quarto de banho, sua magra!" Gritou a Bene.
- "Já terminei, falcão traça. É melhor banhares rápido, não gosto de esperar." Disse a Meve, pegando as suas roupas para se preparar.
- "Fioco, fioco, quando demoraste no quarto de banho, quem te esperou foi fantasma, né? Ninguém sairá daqui até eu terminar de me preparar. Se eu vos esperei, também farão o

mesmo por mim." Argumentou a Bene antes de entrar no quarto de banho.

- "Bene, tá fala, tá fazer." Disse a Paula, endireitando o seu lenço.
- "Yha, a madame já terminou de se preparar e está à nossa espera." Comentou a boazinha (Beatriz).
- "Relaxem, a Bene não vai demorar e a madame está pausada, não vai nos apressar e também a vi falando ao telefone; espero que demore um bom tempo." Disse a Pancha.
- "Bininha, o que se passa? Estás muito quieta." Disse a mãe grande.
- "Não se passa nada, apenas não tenho nada a dizer." Respondeu ela.
- "Naomi, a madame disse para deixares o telefone, não queremos desvios..." Disse a Meve.
- "Eh! Está bem." Respondeu.

Enquanto conversavam sobre temas aleatórios, a Bene aprontou-se e rapidamente terminou de se preparar. Estavam todas belas e cheirando a rosas vermelhas da primavera, quando desceram todos os hóspedes

pararam para observá-las e apreciar a formosura que irradiavam.

E saindo elas do hotel, depararam-se com a PCA que decidiu passar alguns dias em Portugal, mas as demais suspeitavam que ela tinha outras intenções.

- "Surpresa!" Gritou ela ao vê-las.

E apressaram-se em abraçá-la para matar a saudade das horas e quilômetros de distância que as separava.

- "Ahhhhhhhhh! PCA, está aqui. Ahhhhhhhh!" Gritou incontrolavelmente a Márcia, esquecendo-se que já não se encontrava nos subúrbios do Cazenga.

- "Márcia, cala-te lá, pá! Não vês que estás provocando tumulto?" Disse a Pancha.

- "Tu quê, mana Pancha? Só porque estás em Portugal mudaste o português? Me desculpem, mas eu continuarei falando como sempre; quem me complicar vai saber..." Disse a Bene aos gritos, algo típico do Hospício.

- "Essa confusão não havia até tu chegares, volta de onde saíste, yha? E vieste mesmo fazer o quê aqui?" Perguntou a Madame à PCA.

- "Orroh? Também vim passear, tenho passaporte, bby." Respondeu ela, largando um grande sorriso.
- "Rhum! Duvido que apenas tenhas vindo passear; pelo teu nível de fofoque, diria que vieste cá apenas para saber como é que estas meninas se estão a comportar. Eu te conheço bem, você não me engana." Argumentou a Madame.
- "Oh! Vamos nos focar no passeio, essa história da fofoque deixa para depois... Tenho fome", disse ela, dando um grande suspiro.
- "Eh, nós já comemos e queremos sair", comentou a mãe grande.
- "E não podem esperar por mim para irmos juntas? Não vou demorar", disse ela, segurando a mão da Madame para que a acompanhasse.
- "Mas se demorares, vais ficar", retrucou a Naomi.
- "Oie, fica quieta porque quando desapareceste para namorar, nós te procuramos", disse a Márcia.
- "Oh, já tem fofoca, me contem", disse a PCA, animada por ouvir novidades.
- "Te contaremos... Vamos entrar, vais gostar da fofoca", comentou a Paula.

Enquanto caminhavam em direção ao quarto do hotel, as meninas contaram-lhe sobre o que aconteceu a Naomi, com um pouco de jindungo, é claro, e passaram a tarde toda brincando com a situação e provocando a Naomi, tanto que já não saíram, permaneceram no quarto conversando.

Chegada a noite, tiveram a ideia de dar um breve passeio à Torre de Belém e, no dia seguinte, combinaram ir à Praia da Rocha, mas a Naomi preferiu ficar no quarto do hotel e disse que sairia apenas no dia seguinte, pois estava cansada. Postas lá, a Meve começou a divagar sobre as possibilidades de alguém morrer afogada no dia seguinte e partilhou as ideias sobre como seria o funeral de quem morresse.

- "Mas Meve, com tantos pensamentos, foste logo nesses, porquê? Tu és suspeita", disse a Bininha, estalando os dedos.
- "Vou te queixar na Abia, espírito mau, sua Golias!", comentou a Bene.
- "Silêncio, irmãs!", gritou a Márcia para chamar a atenção das demais. E todas ficaram em silêncio, aguardando o que ela tinha a dizer.
- "Oie, fala!", disse a Magda, cutucando-a.

- "Apenas queria que parassem de falar, estavam a me incomodar", disse ela.
- "Rsrsrs, Márcia, você! Rhum", comentou a PCA.
- "Mas tem razão, vocês são muito barulhentas, já é noite e aqui não é na Lili (bairro)", acrescentou a Madame.
- "Hummmmm, está cheirar coisa de madrinha e afilhada. Pardon!", comentou a Magda.
- "Magda vai dar mortal, yha, rsrs. Fiquem aqui, vamos comprar algo para comer", disse a Madame.

Depois de elas terem ido, aproximou-se das meninas um jovem português que olhou para elas com grande alegria, como se esperasse vê-las por lá.

- "Está uma linda noite, não acham?", comentou ele, a fim de quebrar o gelo, mas nenhuma delas disse alguma coisa. E vendo que ninguém dizia nada, limitou-se a observar a lua por alguns minutos, mas rapidamente desviou o olhar para a Márcia, que, incomodada com os olhares, perguntou:
 - "O jovem perdeu alguma coisa no meu rosto?"

- "Não, apenas estou apreciando a sua beleza e acho que me perdi no teu encanto", respondeu ele, abrindo um sorriso namorador.

Ehhhhhhh! Dicas mundiais! Gritaram em coro. Mas a Márcia nada respondeu, voltou o telemóvel para a pasta e foi chamar a Madame e a PCA para cuidarem do assunto, enquanto isso as demais bateram um bom papo com o jovem.

- "Quantos anos ela tem?" Perguntou o jovem, interessado na Márcia.
- "Não podemos dizer a idade dela, mas é menor, podes já esquecer", comentou a Paula.
- "Falta muito para atingir a maioridade? Eu posso esperar", respondeu ele, esperançoso.
- "Erreh! Mas não estás a ouvir que é menor? Assim queres o quê com a criança?" Retrucou a Bene.
- "Cuidar dela", disse ele.
- "Ela tem família e amigos", bufou a Bene.
- "Oh! Parem de agredir o outro, ele até é boa pessoa, quer cuidar da Márcia e tal, irmão, podes levar a Márcia, ela é boa menina, mas não te

esqueças das cunhadas", comentou a Magda, estendendo a mão para saudá-lo.

- "Oie, se comportem! Jovem, por favor, vai embora, as nossas manas daqui a pouco estarão aqui e não ficarão felizes em vê-lo por aqui e quanto à Márcia, podes mesmo esquecer, viemos aqui para descontrair e não para procurar namorados, no nosso país também há homens", argumentou a Pancha.
- "Homens fuscós", disse a mãe grande.
- "Isabel, fica quieta", disse a boazinha.

O jovem estava prestes a sair quando a Madame, PCA e a Márcia vinham na sua direção e suspeitou que o que estava chegando não era coisa boa.

- "E se for um psicopata? Rhum, é melhor fugirmos...", sussurrou a Madame ao ouvido da PCA enquanto se aproximavam do local.
- "Hummm, se estão a rir é porque está tranquilo, banzela, somos 12 e ele um", respondeu a PCA.
- "Aie? Grande não é pequeno, vão nos dar, rhum", acrescentou a Madame, mas desta vez com um sorriso sarcástico.

A Márcia parecia tranquila, desfrutando do algodão doce, que nem se importou com os cochichos entre a PCA e a Madame. Chegando finalmente ao local, perguntaram ao jovem sobre o porquê de insistir em paquerar uma menor e ele, percebendo que a conversa não terminaria de uma forma pacífica, desculpou-se e foi-se embora.

- "Rhum! Márcia, a Magda já tinha feito planos do teu casamento com esse português", gritou a Bene depois de receber o seu sumo.
- "Orroh! Já não acabou? Gostas muito de assunto", retrucou a Magda, dando uma leve chapada no braço da Bene.
- "Oie, se concentrem, não quero mais ouvir sobre isso. Vamos ao hotel, não confio na Naomi", disse a Madame.

E foram-se embora, chegando ao quarto do hotel, a Madame e a PCA se puseram a procurar evidências de que a Naomi não estava sozinha e para isso reviraram cada canto do quarto, porém não o acharam.

- "Wy, ele não está aqui", disse a PCA, levantando o colchão da cama.
- "Aqui também não", disse a Madame depois de ter revirado o quarto de banho.

- "Rsr rsrs! Ehhhh! Tudo isso é desconfiança? Mô Deujo*! Indagou a Naomi, que ria da situação.
- "Se de manhã te escondeste sei lá onde com o teu namorado, é claro que já não confiamos muito em ti", comentou a mãe grande.
- "Eu tenho sono, vou dormir. Qualquer novidade, me apitem", disse a Bininha.
- "Também já tenho sono. Bons sonhos a todas!", disse a boazinha.
- "Obrigada e igualmente!" Responderam em coro.

As demais permaneceram acordadas, relatando tudo o que já tinham visto e vivido em Portugal às que se encontravam em Angola. As mesmas, movidas pela curiosidade e saudade, decidiram desfrutar de umas férias de curto prazo em Portugal. Então, prepararam as malas e embarcaram no primeiro voo para Portugal.

No dia seguinte, após o pequeno-almoço, foram à praia. Mal chegaram, já fizeram confusão, pois sempre que um grupo de pessoas saía do mar, as hospicianas gritavam o seguinte:

- "Você, te matei! Tis, tis!" E os movimentos dos braços eram em forma de uma arma, o que

assustou os banhistas. Por essa razão, recorreram à polícia que lá se encontrava para manter a ordem.

- "Boa-tarde, senhoritas", saudou o polícia, dirigindo-se diretamente à PCA e à Madame.
- "Boa-tarde, senhor polícia. Em que podemos ajudar?" Perguntou à PCA, um pouco preocupada.
- "Recebi relatório de que as meninas estão perturbando a paz dos outros banhistas e gostaria de averiguar a veracidade da informação", respondeu ele, babando os olhos grossos, mais formosos do que alguma vez vira.
- "Bem, as meninas estão se divertindo e não vi ninguém dizendo a elas alguma advertência ou feito algum pedido. Estão nos passando e nós achamos que está tudo bem, senhor agente", respondeu a PCA, já irritada.
- "Está bem, em todo caso, mantenham a calma e o espírito de urbanidade. Eu verei o que posso fazer", disse ele ao se despedir das senhoritas.
- "Quero ver quem terá coragem de vir aqui nos dizer alguma coisa. Vão levar uma boa resposta", disse a PCA.

- "Calma, wy, vamos aproveitar o momento, mas o cabrito que aparecer para nos complicar vai levar porrada. Eu tenho mão leve. Rhum", disse a Madame, procurando acalmar a PCA.

No entanto, não mencionaram o ocorrido às meninas para não estragar a diversão delas. Aproveitaram o dia e ignoraram o que tinha acontecido, de modo a não arruinar o momento. Por volta das 15h, decidiram voltar ao hotel, pois mais tarde jantariam no restaurante e queriam estar totalmente impecáveis dos pés à cabeça. Mas o que elas não sabiam é que a DT Rebolation, a Coordenadora, a Abia e a Keren já se encontravam no hotel.

- "Estou a ver bem ou a minha graduação está tão ruim ao ponto de ver a Abia?" Perguntou a Márcia, avistando-a de longe.
- "Espera, humm, tens razão, Márcia, é mesmo ela e não está sozinha, estou vendo a DT Rebolation, a Coordenadora e a Keren", disse a Meve, concordando com a Márcia.

Apressaram os passos, compostos por gritos de júbilo por vê-las e ainda mais em Portugal.

- "Aqui falta apenas a Joice Py para completar a festa", comentou a Meve.

- "Saíram do Cazenga, mas o Cazenga não saiu de vocês, já não há solução para vocês!" Disse a Keren, desfrutando do momento.
- "É desse jeito!" Disse a DT Rebolation, ao dar um 'cool' à Keren.

Rolaram abraços e alguns gritos, mas desta vez ninguém reclamou, pois perceberam que se tratava de um momento festivo. Entraram todas e dirigiram-se ao quarto em que as meninas estavam, que era uma suíte, e o espaço dava para todas elas. Conversaram sobre o dia anterior, voltaram a gozar com a Naomi, que tentou parecer chateada, mas não tardou a sorrir.

- "Oie, vocês! Eu quero sentar num bom lugar, apressem-se", gritou a PCA para as meninas que ainda estavam se arrumando.
- "Naomi, não vais chamar o momô (amor)?" Perguntou à mãe grande.
- "E vai lhe chamar por quê? Não queremos forasteiros, estamos bem assim. Naomi, estás bem assim, não ouças essa Isabel", comentou a Coordenadora, a tão famosa China.
- "Já chegaste", comentou a Bene.

- "Eu apenas perguntei, eh. Azar não é só óbito, yha, rrsrsrs", disse a mãe grande.
- "Sim, já cheguei! Se querem namorar, comprem passagens de avião e vão a outro país, aqui não queremos esses contactos", voltou a reiterar a Coordenadora.
- "E é necessário trocar de país? Kkkkkkkk! Coitada da Naomi", comentou a Keren, rindo da situação.
- "Eu até já nem sei o que dizer, enfim só já", disse a Naomi após ter terminado de se preparar.
- "Deixem a criança em paz, já não passou? Assuntosas! Falem sobre outra coisa, phá!", disse a Madame em defesa da Naomi.
- "Se a comida acabar, vocês gostarão, rhum!", bradou a PCA ao grupo.
- "Você também espera, tens pressa de quê? Se a comida acabar, farão outra. É nosso direito. E vocês duas, Bininha e Pancha, apressem-se, não estão indo casar", disse a Coordenadora.

Depois de terem terminado de se preparar, foram diretamente ao restaurante e sentaram-se perto da saída para não terem que encarar ninguém quando

quisessem voltar ao quarto. Fizeram os pedidos e aguardavam serem servidas. A DT Rebolation pôs os pés fora da mesa para poder sair e ir ao banheiro, mas antes que ela se levantasse, uma jovem passou por ela, pisando o seu pé, e não se desculpou, o que a deixou zangada. A DT levantou-se, foi até a mesa da jovem e disse:

- "Boa-noite, caríssima. Ao passares por mim, pisaste o meu pé e não te desculpaste. Gostaria de saber o porquê", perguntou ela.
- "Oh, sério?! Perdão, não prestei atenção", respondeu a jovem.
- "Estás desculpada, querida."

Voltou à mesa e disse:

- "Caso encerrado!"
- "Dura! Má!", comentou a Keren, fazendo vénias à DT.
- "É de leve, a sorte é que se desculpou. Caso contrário, o jantar seria ela, lhe grelharíamos muito bem", disse a DT Rebolation.
- "Quanta agressividade! Mantenham a paz, é melhor", disse a Abia.

- "Ahhhh, qual paz? Nem tudo se resolve vocalmente, um pouco de surra faz bem", retrucou a mãe grande.
- "E antes que alguém decidisse falar, lhes foi servido o jantar e durante este momento não se ouviu nem um pio à mesa. Elas consideravam o momento da refeição como algo sagrado e detestavam ser incomodadas quando estivessem comendo.
- "Meve, leve os pratos, todas já terminaram de jantar", disse a mãe grande.
- "Ngué, ninguém vai levantar, eles é que farão isso", disse a DT Rebolation.
- "Nesse caso, podemos subir, estou muito cansada", interveio a Magda.

E em conjunto, levantaram-se e voltaram ao quarto para descansarem e reservarem forças para o dia seguinte.

No dia seguinte, elas estavam num impasse sobre onde podiam ir e faltava apenas a Coordenadora, que ainda dormia, para dar a sua opinião.

- "Que tal primeiro irmos ao museu e depois ao cinema?", sugeriu a Keren.
- "Boa ideia!", disse a Coordenadora ao ouvir a sugestão, estando ela sob o efeito do sono.
- "E você acorda desse jeito? Me assustaste, phá", disse a Madame.
- "Ahhhhh, o importante é que acordei e já dei a minha opinião", respondeu ela.
- "Eu já estou pronta para sair", comentou a boazinha.
- "E quem te perguntou?", indagou a Bene.
- "Bene, deixa a outra", disse a Paula, tentando evitar que a Bene falasse mais alguma coisa.
- "E eu lhe peguei? Eu também já me vesti. Bea, vem sentar aqui, vamos assistir", disse a Bene, ligando a TV para se entreter.
- "Vamos ou não?", perguntou a Bininha, confusa.
- "Iremos, sim. Espera as outras se organizarem", respondeu a DT Rebolation.

Passadas duas horas, aprontaram-se para irem ao museu do Fado e, em seguida, ao cinema. Por unanimidade, decidiram assistir a dois filmes de terror para animar a tarde.

Estando no cinema, depararam-se com um casal que se aproveitou do escuro para atividades não cinemáticas, e isso fez com que trocassem de sala o mais rápido possível.

- "Querem namorar, arranjam um quarto e não um espaço público", resmungou a Magda.
- "Epá, o importante é que conseguimos outro lugar e aqui não há nenhum estranho", comentou a Naomi.
- "Oie, barulho. Vamos assistir ou vos ouvir?", reclamou a coordenadora.
- "Desculpa", sussurrou a Magda.
- "Ahhhhhh! Assustei!", gritou a Márcia.
- "Esses filmes não são para quem quer, é para quem pode, filha. Se não estás aguentando a batida, é melhor esperares lá fora", disse a Keren.
- "Shiu! Está a vir a melhor parte", disse a Abia.

- "Nadã! Também não vou sair", afirmou a Márcia, cruzando os braços.
- "Está bem, mas não grites, senão vamos te expulsar daqui", disse a DT Rebolation.
- "Eh! Sem problema", disse a Márcia.

A Boazinha e a Bininha cobriam os olhos sempre que na tela aparecesse uma imagem assustadora. A sorte delas é que não era com os óculos 3D, porque aí chorariam lágrimas de sangue tentando fugir da sala.

Terminaram o filme com algumas alegres e outras assustadas. Sem mais outros planos, voltaram para o hotel e lá passaram o resto do dia até escurecer. Chegada a noite, passearam pelo hotel nos lugares que ainda não tinham explorado e terminaram a noite comendo no quarto do hotel a comida do restaurante.

- "Bem, eu dormirei no quarto ao lado porque preciso escrever", disse a Abia.
- "Mas Abia, esse teu livro não tem fim?", questionou a mãe grande.
- "O que você entende sobre literatura?", perguntou a Pancha.

- "Reh! Já querem confusão, né? Vão dormir fora. Abia, bom trabalho e continuação de excelente noite", disse a Coordenadora.
- "Muito obrigada! Fiquem bem e nos vemos amanhã", respondeu ela.

Chegando a manhã, a Abia voltou ao quarto principal para saudar as suas irmãs e encontrou-as dormindo. Era o que ela achou até perceber que nenhuma delas respirava. Aflita, correu logo ao gerente do hotel, que imediatamente chamou os paramédicos para tratarem da situação.

- "Então, doutor. O que se passa?", perguntou ela preocupada e com o coração no chão, porque as mãos já estavam trêmulas o suficiente.
- "Bem... Elas..."
- "Elas o quê? Pare com o suspense e diga de uma vez! O que aconteceu?", gritou ela.
- "Acalma-se, senhorita, por favor", disse calmamente o doutor.
- "Olha, eu não sou portuguesa e no país de onde vim não sabemos o que é ter calma. Se não parares com esses enrolamentos, eu vou entrar para eu mesma perceber o que se passa. Por que

demoraram? Elas acordaram? Por que pararam de respirar?", perguntou ela, tentando se conter.

- "Está bem..."
- "Desembucha, senhor!"
- "Meus pêsames!"

Epílogo

- "Morremos?" Perguntou a Paula, super assustada.
- "Parece que sim, mas é de leve. Ainda podem acordar", respondi, fazendo as últimas anotações.
- "Mas, oh Abia, nos mataste na história por quê?" Perguntou a Bene, chateada.
- "Rsrsrs, é apenas uma história, lembram?" Disse eu, procurando confortá-las.
- "Eu quero a terceira parte, a história não pode terminar assim", disse a Paula.
- "Bem, veremos isso mais lá para frente, mas gostaram de ouvir a história, certo?"
- "Eu gostei", respondeu a PCA.

- "Porque te adoçaram bem", disse a Madame. A PCA riu.
- "E vocês, o que me dizem?" Perguntei ao resto do grupo.
- "Por mim está bom tal como está", disse a Pancha.
- "Eu não queria morrer, hum", disse a mãe grande, cruzando os braços e fazendo beicinhos.
- Isabel, tu estás viva. Uma história não mudará isso, não será uma caneta humana a tirar-te da terra. Relaxe ainda não é o fim, o melhor está por vir. Disse eu.
- "E falta o quê para lançares?" Perguntou a boazinha.
- "Escrever a palavra 'FIN'. O que é bom dura pouco!" Respondi.
- "Abia, posso escrever?" Perguntou a Bene, esbanjando seu melhor sorriso.
- "Sim, podes. Toma, escreve", disse eu, entregando-lhe o manuscrito.

O fim.

Um conto de Maria Daniel

O hospício 2

UMA VIAGEM SEM
RETORNO